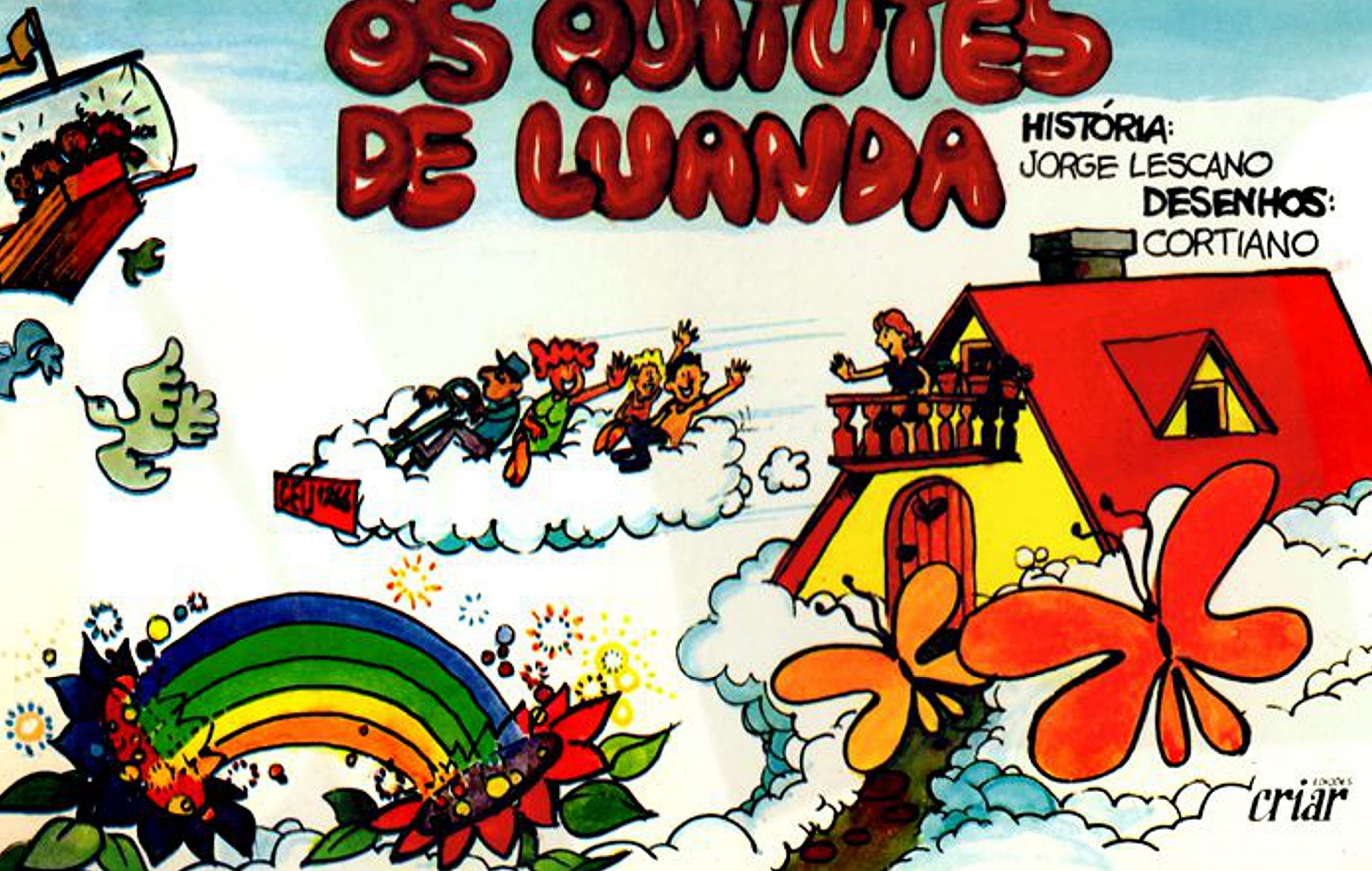
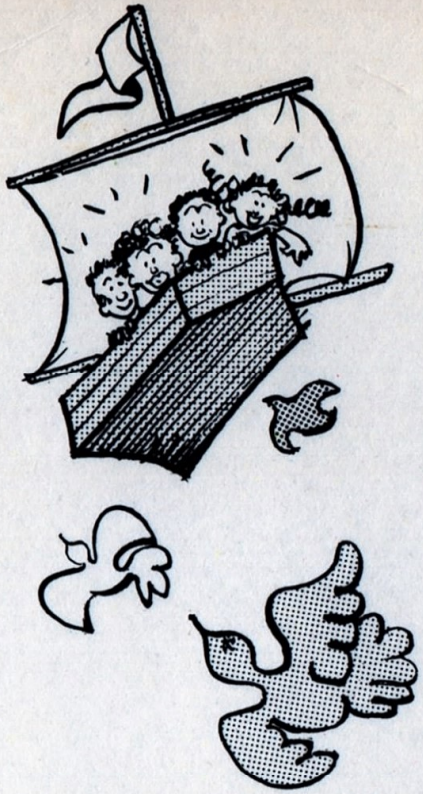
Os quitutes de Luanda
foi impresso em abril de 1986 pela
Gráfica da Fundação da Universidade Federal do Paraná
a partir de filmes fornecidos pelo Editor
CRIAR EDIÇÕES LTDA.

OS QUITUTES DE LUANDA

HISTÓRIA:
JORGE LESCANO
DESENHOS:
CORTIANO



criar EDIÇÕES



Luanda sonhava visitar sua avó,
que estava no céu há muitos anos.
Vivia falando nisso.
Até que um dia Dimitri, seu irmão,
fez um barco para a viagem.
— Um barco para subir ao céu?
Isso mesmo. E não era sonho.

EDIÇÕES criar

Para LUANDA,
DIMITRI e CIDA,
heróis criadores
desta história.

Os quitutes de Luanda

JORGE LESCANO

SEGUNDA EDIÇÃO

Obra premiada, em 1985, pela
Biblioteca Internacional da Juventude,
Munique, Alemanha.

EDIÇÕES criar

Criar Edições Ltda.
Rua Senador Saraiva, 98/1
Fone: (041) 234-8719
80.000 – CURITIBA (PR)

Copyright 1983 Jorge Lescano
Direitos desta edição: Criar Edições Ltda.
Capa e ilustrações: Cortiano
Arte-final: Guinski
Revisão: Iria Zanoni Gomes
Produção: Roberto Gomes

Catalogação

L629q Lescano, Mário Jorge, 1942 –
Os quitutes de Luanda. Curitiba, Criar, 1983.
28p. il. col. 15 x 22 cm.
Ilustrações de Edson José Cortiano
1. Literatura infantil I Título

Índice para Catálogo Sistemático
CDU 1. Literatura Infantil 82-93
CDD 1. Literatura Infantil 028.5

1986

Luanda é uma negrinha com saudades da avó. Tinha tantas saudades que sempre falava:

Dona Maria Aparecida — esse é o nome da mamãe — dizia que não podiam visitar dona Conceição, porque ela morrera antes da pretinha e Dimitri — o irmão mais velho — terem nascido.

— A avó viajou para o céu antes da mamãe casar com o papai — explicava.

Naquela época, Luanda tinha apenas quatro anos e não fazia idéia do que eram os meses e os anos, o tempo, enfim. Por isso, vez por outra, voltava a perguntar:

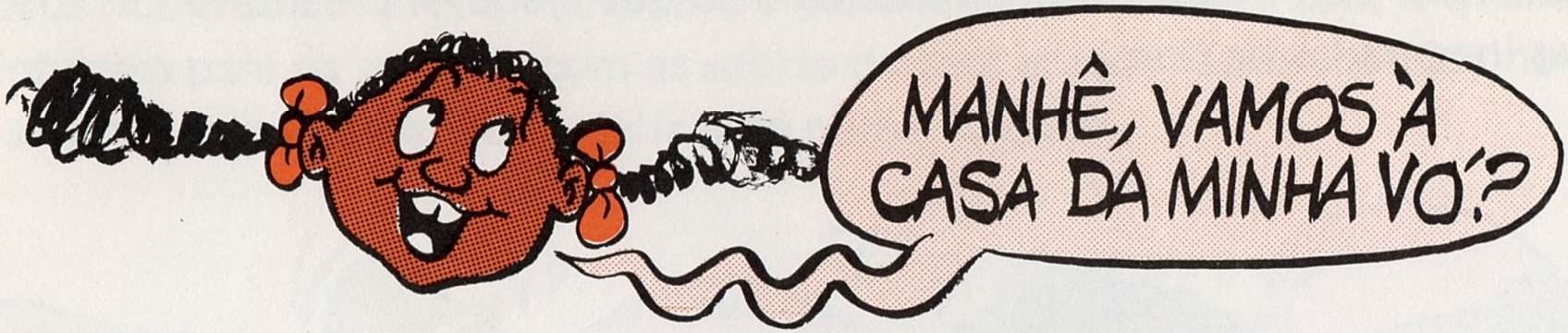
— Manhê, vamos ver minha vó?

A mãe tornava a explicar, mas ela é uma menina teimosa e enquanto dona Aparecida falava do casamento e tudo mais, imaginava o que diria à "vó Ceição".

Dona Conceição, quando viva, foi quituteira fina. Isto não deve assombrar ninguém, pois as negras do Brasil passaram muitos e muitos anos nas cozinhas dos brancos ricos. Cozinhavam, e lavavam, e passavam, e amamentavam. E quando não cozinhavam para os patrões, com as sobras da casa grande faziam comida na senzala. Foi assim que inventaram essa delícia de nome feijoada.

A menina também fazia comidinhas para suas "filhas", que eram bonecas loiras, de olhos claros, embora ela tivesse a linda cor de um brigadeiro. Mas quando ela queria cozinhar de verdade, atrapalhava mais do que ajudava. E cantava musiquinhas inventadas na hora.

A crioulinha queria visitar a avó para aprender com ela a fazer tortas e bolos e doces e balas. Quando pensava nisso, perguntava:



Uma noite, depois de ouvir todas as respostas de dona Cida, disse:

— Então vamos para o céu! — e disse que tinha um plano — A gente faz um barco, você tem medo de barco?

— Eu tenho — respondeu a mãe.

— Então a gente faz um barco grandão. Bem grandão mesmo! Aí você senta, e o Maurício e o Márcio, e o Duda e o Ricardinho e o Renato e o Miguelito — eles eram seus primos — e o papai e o Dimitri e todos vamos para o céu ver minha vó. Ela não falava tão bem quanto eu, mas dona Aparecida entendeu.

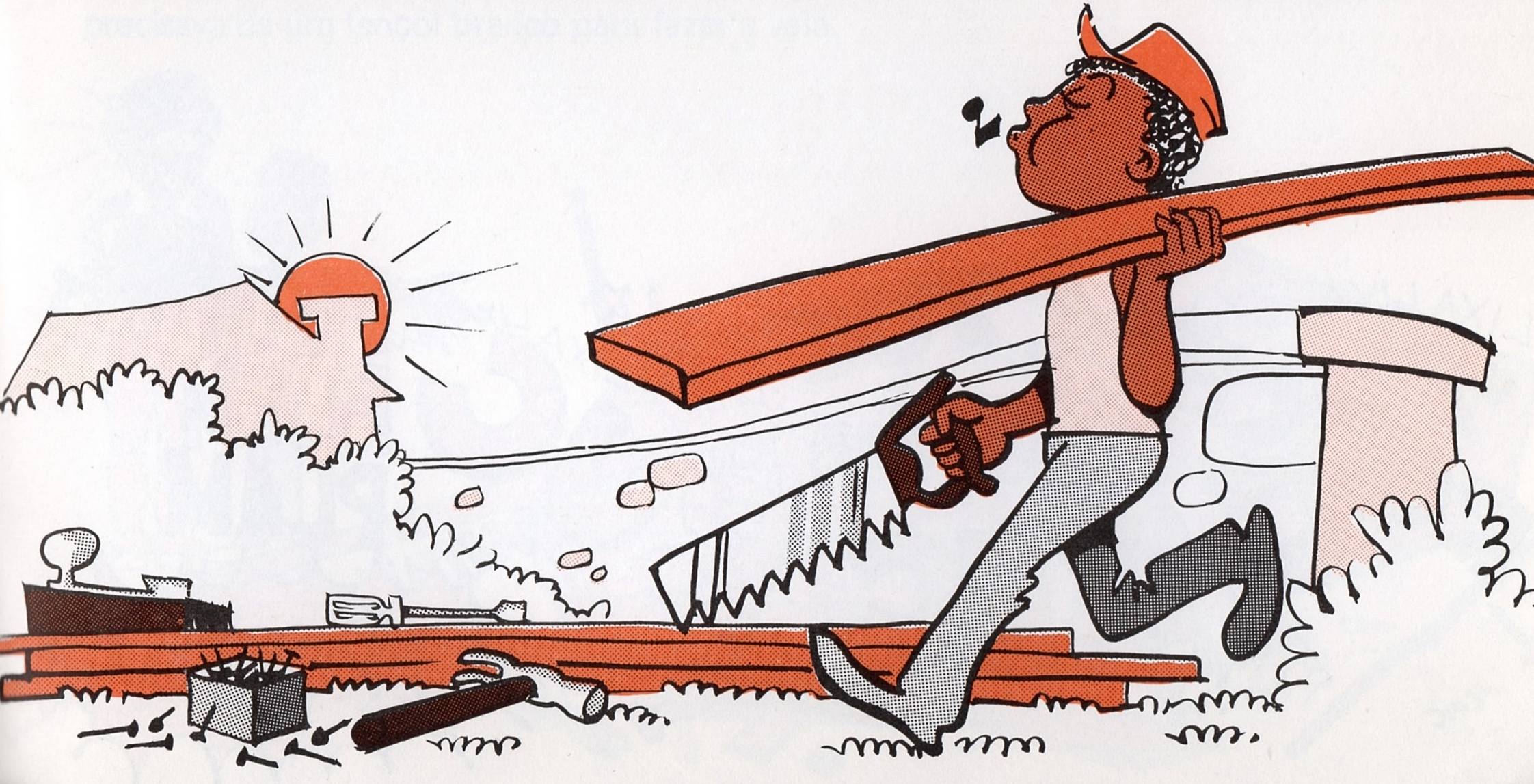
— O Pancho pode ir? — Pancho era o cachorro.

— Pode — falou a mamãe arrumando os cobertores — Agora, vamos dormir.

— E o Malandro também vai — disse Luanda lembrando do gato. Depois dormiu.

Dimitri vivia fazendo experiências e já estava ficando cansado de ouvir aquela conversa da irmã ir para o céu.

Um dia decidiu fazer o barco. Levantou de manhãzinha, o sol já estava alto porque era verão, pôs seu boné e, sem dar satisfação a ninguém, foi trabalhar no quintal. Lá havia madeiras e um quartinho onde o pai guardava as ferramentas.



Pegou pregos e um martelo e ficou tão concentrado, sem pedir a toda hora: "Manhê, quero isso! Manhêêê, quero aquilo!", que a senhora ficou preocupada e foi ver o que estava acontecendo. Dimitri serrava: roc-roc. Lixava: chec-chec. Martelava: toc-toc e lalá-lalá, cantava. A mãe foi embora na ponta dos pés.

Passaram uma e duas e três horas, um tempão. Lá no fundo só se ouvia:

Dona Cida voltou, o garoto já tinha terminado o navio. Não era muito bonito, mas sim forte, bem pregado, com um mastro móvel.

— Para que é isso? — perguntou a mãe.

Acho que a mamãe 'tá precisando de óculos, pensou Dimitri, que não gostou da pergunta e, muito sério, explicou que **aquilo** era um barco para subir ao céu e que precisava de um lençol branco para fazer a vela.

SE É PARA VIAJAR NO ESPAÇO, SERIA MELHOR UM AVIÃO OU UM FOGUETE!
EU SEI, MAS LUANDA QUER UM BARCO!
E COMO É QUE O NAVIO VAI VOAR?
NAVIO NÃO VOA, MÃE! NAVIO É PRA ANDAR NA ÁGUA!
E COMO VAI CHEGAR AO CEÚ?
O MENINO ESCUTAVA COM ATENÇÃO QUANDO O PAI ENSINAVA COISAS QUE ELE NÃO SABIA. APRENDEU ASSIM QUE AS NUVENS SE FORMAM PELA EVAPORAÇÃO DA ÁGUA.
SEU PLANO ERA COLOCAR O BARCO NO MAR
MAR NÃO TEM ÁGUA? ENTÃO?

Para ele a coisa era muito fácil, até simples demais. Era só levar o navio para o mar num dia de muito sol, quando no céu não há nuvens. — Porque se tem nuvens, o sol não vai querer fazer mais — falou —. Aí o sol esquenta bem a água fazendo nuvens, uma porção de nuvens, o barco sobe numa e vamos para o céu. Aí Luanda pode ver a vó dela.

A mãe sorriu sem falar nada. À noitinha contou para o pai que sorriu dizendo que iriam experimentar.

ram cedo para ir à praia e fazer a
parte da embarcação para que coubesse
as ferramentas, enquanto a mãe e
anja.
ar certo, e pensou que seria divertido

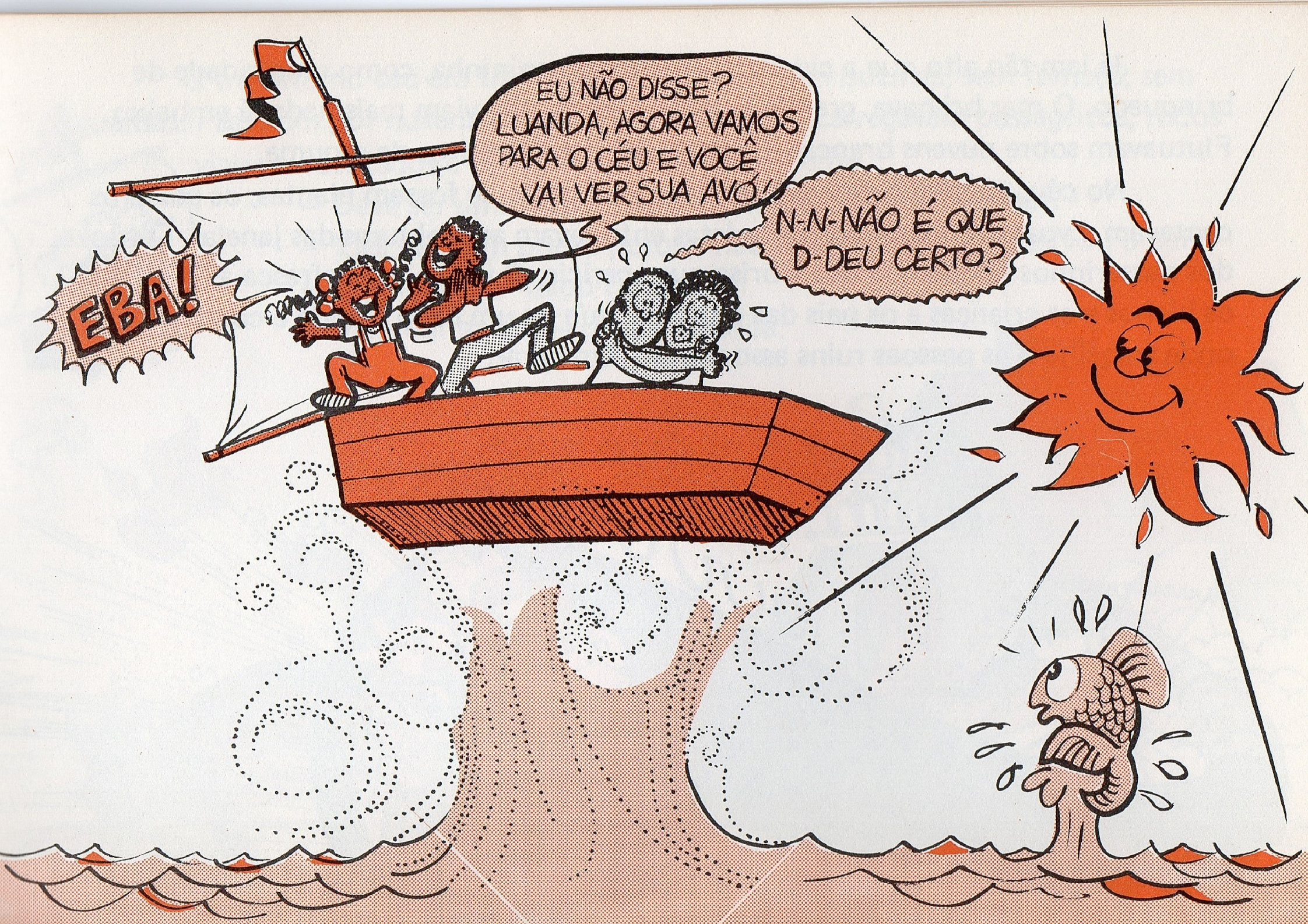
o pai para um canto e disse no seu

— Não fala nada pra Luanda, viu
Juntos iniciaram o trabalho. Min
pôr o barquinho no mar.

O menino chamou a mãe e a irmã e os quatro se instalaram comodamente. Bem, nem tanto, afinal o navio não era tão grande assim. O pai e dona Aparecida sentaram-se na beira, deixando as pernas na água. Dimitri e Luanda ficaram no centro, segurando-se no mastro. O mar estava calmo e o sol muito forte, amarelo-quase-branco, por isso todos colocaram seus chapéus. A água balançava suavemente. O pai ligou um radinho de pilhas e ouviram música. A negrinha cantava acompanhando as canções do rádio. De vez em quando, o garoto piscava para o pai.

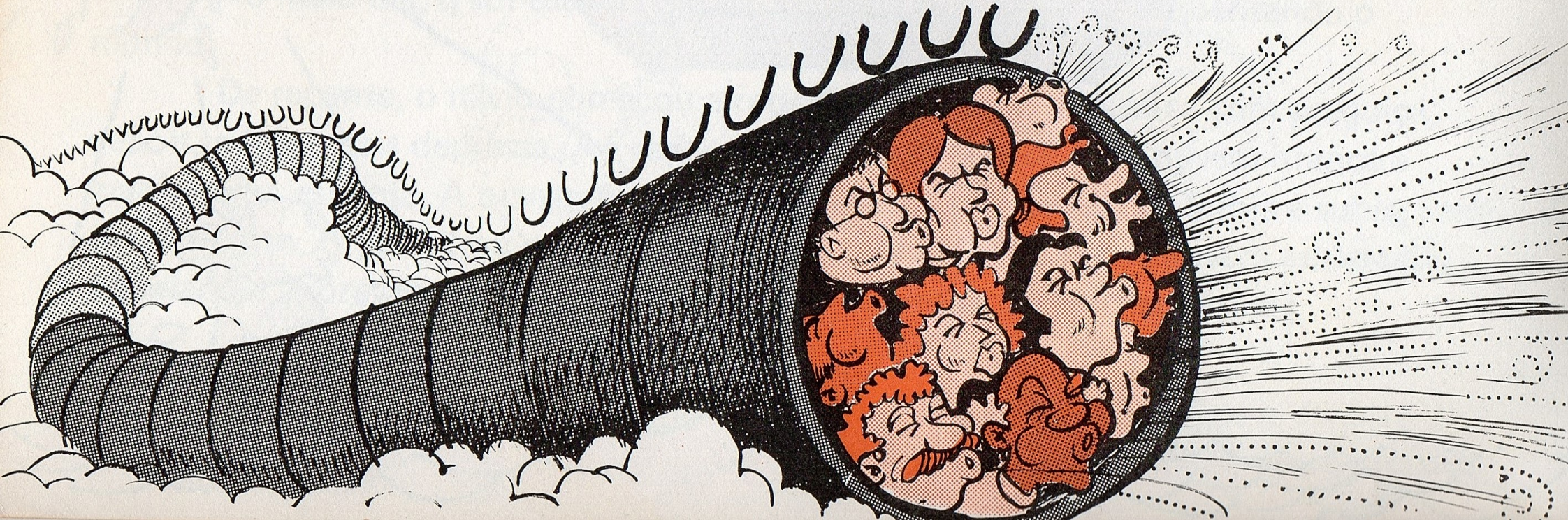
Ao meio-dia, o sol estava bem em cima de suas cabeças, esquentando o mundo.

De repente, o navio começou a rodopiar. Primeiro mexeu-se com preguiça, depois, mais e mais depressa. Ao redor do barco formava-se uma nuvem branca e macia como esponja. A nuvem girava devagarinho, de-va-ga-ri-nho. Subia e subia, cada vez mais alto. O pai olhou para a mãe e a mãe olhou para o pai. Estavam assustados. As crianças adoravam, pois nunca tinham andado num carrossel aquático.


EBA!
EU NÃO DISSE? LUANDA, AGORA VAMOS PARA O CÉU E VOCÊ VAI VER SUA AVÓ!
N-N-NÃO É QUE D-DEU CERTO?

Já iam tão alto que a cidade aparecia pequenininha, como uma cidade de brinquedo. O mar brilhava, grande e verde. Depois não viam mais nada lá embaixo. Flutuavam sobre nuvens brancas e macias como travesseiros de espuma.

No céu, as casas brotavam do chão azul como se fossem plantas, os pássaros cantavam e voavam, livres. As borboletas enfeitavam as molduras das janelas. O vôo dos passarinhos também criava a brisa que acaricia. O vento que refresca as plantas e os bichos e as crianças e os pais das crianças, saía de um cano grande e comprido, onde trabalham as pessoas ruins assoprando sem parar.



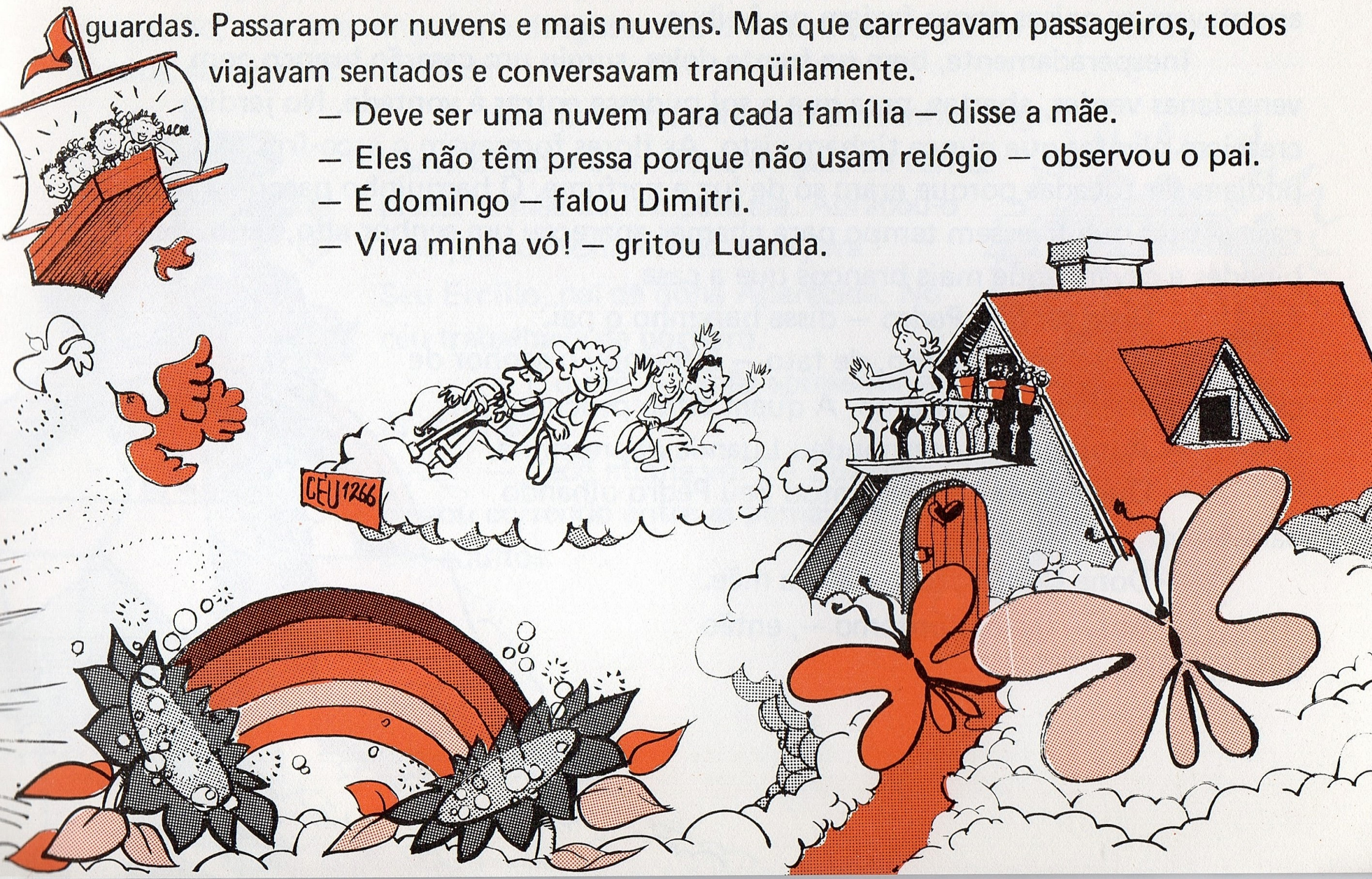
O trânsito no céu era tranqüilo, sem faróis, sem buzinas, sem fumaça, sem guardas. Passaram por nuvens e mais nuvens. Mas que carregavam passageiros, todos viajavam sentados e conversavam tranqüilamente.

– Deve ser uma nuvem para cada família – disse a mãe.

– Eles não têm pressa porque não usam relógio – observou o pai.

– É domingo – falou Dimitri.

– Viva minha vó! – gritou Luanda.



Dimitri e Luanda olhavam tudo com olhos redondos. Falavam e riam e apontavam as coisas como faziam no ônibus.

Inesperadamente, bem na frente deles, surgiu um casarão branco com venezianas verdes, abertas, para que o sol pudesse entrar à vontade. No jardim cresciam plantas que nunca tinham visto. As flores formavam o arco-íris, mas não podiam ser tocadas porque eram só de luz e perfume. O barquinho parou na porta da casa. Antes que tivessem tempo para chamar apareceu um senhor alto, sério, de bigodes e cavanhaque mais brancos que a casa.

— Deve ser São Pedro — disse baixinho o pai.

— Meu nome é Pedro, de fato — informou o senhor de cavanhaque — Sou o mordomo. A quem estão procurando?

— A minha vó — respondeu Luanda depressinha.

— Quem é ela? — perguntou Seu Pedro olhando para o pai.

— Dona Conceição — disse a mãe.

— Ah! — fez o mordomo —, então é na cozinha.

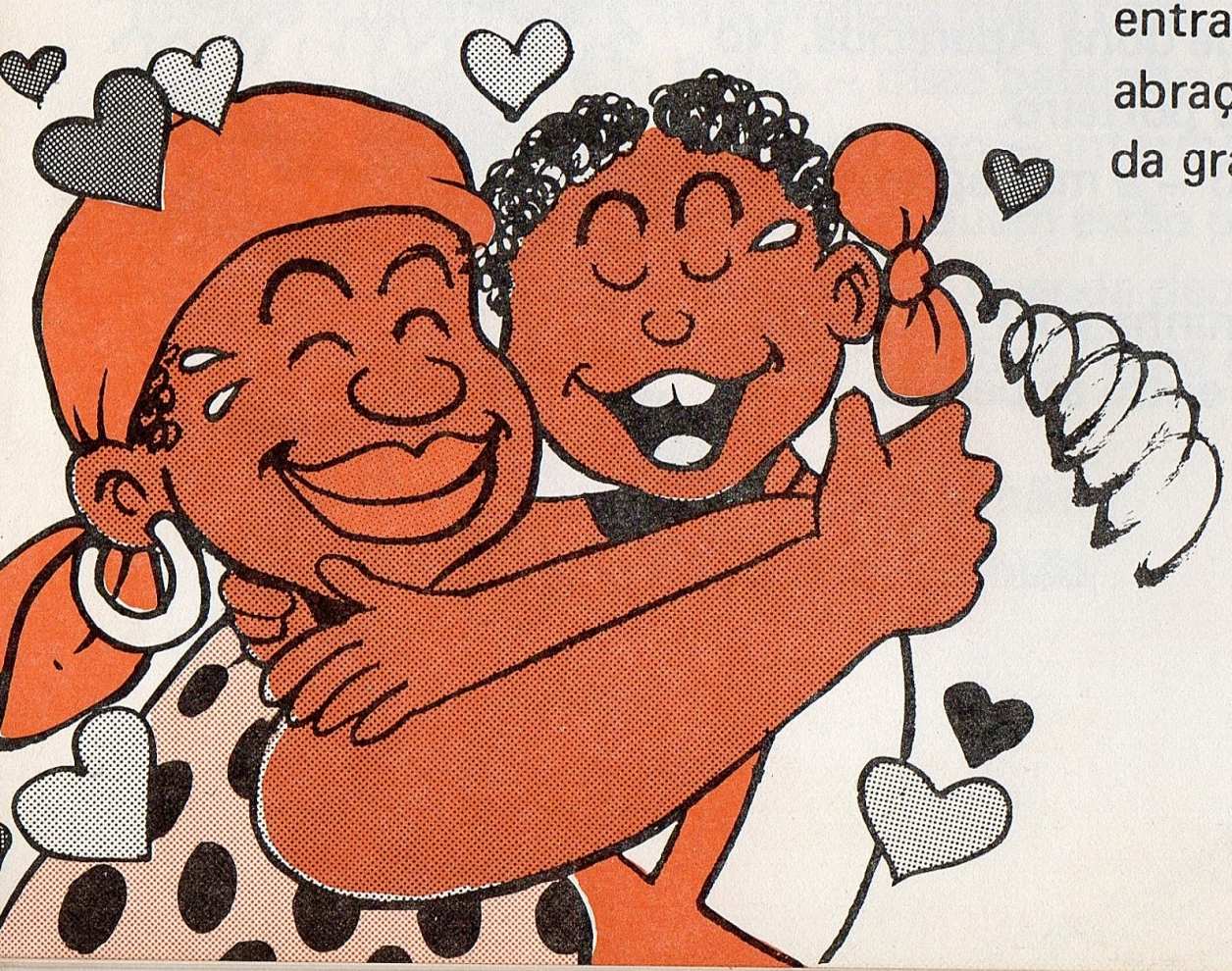
Os quatro subiram ao navio, que deslizava como se andasse sobre neve. O barquinho, sem que ninguém o dirigisse, deu a volta à casa e parou na porta dos fundos, sempre sobre a nuvem.

Pela porta traseira saiu um senhor negro. Usava bigodes e um boné de pala de verniz preto. A mãe correu para ele. Abraçou-o e beijou sua testa várias vezes; era Seu Ercílio, pai de dona Aparecida. No céu trabalhava de porteiro.

— É o avô — a mãe apresentava-o às crianças.

— Cadê minha vó?! — Luanda passou correndo entre as pernas dos adultos.

Atravessou uma área onde várias mulheres lavavam roupas finas. Entrou na cozinha e lá estava dona Conceição, mexendo numa panela com uma colher de pau. Na pressa, a negrinha esbarrou nela. A avó abaixou o olhar pensando que fosse um pernilongo e, sem nunca ter visto a neta de perto, a reconheceu na hora. A menina também a reconheceu. Dona Conceição pegou Luanda no colo e a beijou até perder o fôlego, fungou um pouquinho, lembrando de sua criança Maria Aparecida. Com a neta nos braços rumou para a porta. Mas já Seu Ercílio, Dimitri, o pai e a mãe, entravam falando alegremente. Todos se abraçaram. Depois sentaram em volta da grande mesa da cozinha.



— Tô com fome, vó! — a garota não queria perder tempo.

Dona Conceição serviu arroz e feijão, salada, carne de porco e couve. Farofa. Bolinhos de carne e de verdura. Tutu de feijão, milho cozido, mandioca frita e muitas outras gostosuras. A mesa arrumada era uma festa.

— Oba! — cantava a pretinha, experimentando tudo.

Depois do almoço, Dimitri quis chutar bola com a lua, que estava encostada num cantinho do céu, esperando sua hora de serviço. O pai não deixou. Aborrecido, o menino deitou-se para tirar uma soneca em cima de uma nuvem bem fofinha. Da cozinha chegavam as vozes dos adultos e as gostosas risadas de Luanda.

Na hora do lanche a avó preparou bolo de maçãs, brigadeiros e balas de coco. Cocadas. Ameixa recheada, bem-casado, doce de abóbora, doce de batatas, doce de banana, café com leite e chocolate.

As crianças comeram à vontade e ainda sobrou muita coisa.

No fim da tarde, Seu Ercílio saiu, com Dimitri trotando a seu lado. Na terra os passarinhos voltavam para casa. E os gatos se espreguiçavam antes de ir para a rua.

Ao voltarem, Luanda e seus pais já estavam na porta. Tinham que ir embora porque o dia seguinte era dia de aulas e de trabalho, e já se sabe que no domingo à noite todo mundo fica com pressa, engarrafando o trânsito.

Antes das despedidas, a negritinha lembrou dos primos e começou a embrulhar doces num guardanapo. Dona Conceição ajudou a guardar as guloseimas.

— Tchau, vó! — disse Luanda, dando um beijo de estalo na bochecha brilhante. — Agora vou fazer doces para todas as crianças cantar parabéns.

Para ela, uma festa não era completa se não havia bolo e se não se cantava parabéns.

Saíram e embarcaram no navio. A nuvem que os tinha levado e esperado o tempo todo, dando uma voltinha por aqui e por ali, para não se aborrecer, iniciou a descida devagarinho, de-va-ga-ri-nho. O sol sumiu atrás de nuvens escuras, rabugentas. Era a chuva que se aproximava, resmungando porque era domingo e ela não tinha folga.

A nuvem amiga deixou a família na porta da casa para que não se molhassem.

— Tchau! — despediu-se Luanda — 'brigado, viu?

A nuvem respondeu com seus grossos pingos batendo nas vidraças.

A pretinha sorria feliz. Seus olhos faiscavam mais que estrelinhas de São João.

Naquela noite dormiu como um anjo. Sonhou com um grande passeio no céu, de navio. Sonhou com a avó. Sonhou que sabia cozinhar e sonhou que sabia sonhar. Sonhou, sonhou e sonhou.

Agora, a negrinha faz doces e salgadinhos que viram a cabeça das crianças do bairro, e dos pais das crianças também. Agora todos sonham com os quitutes de Luanda.